

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**PROTAGONISMO FEMININO: UM ESTUDO SOBRE A RAINHA
BERENGUELA (1180-1246) NA *CRÓNICA LATINA DE LOS REYES
DE CASTILLA***

THAÍS MONIQUE COSTA MOURA

São Cristóvão

2019

**PROTAGONISMO FEMININO: UM ESTUDO SOBRE A RAINHA
BERENGUELA (1180-1246) NA *CRÓNICA LATINA DE LOS REYES
DE CASTILLA***

THAÍS MONIQUE COSTA MOURA

**Monografia de conclusão de curso
apresentada ao Departamento de
História da Universidade Federal de
Sergipe para a obtenção do título de
licenciado em História.**

**Orientador: Prof. Dr. Bruno
Gonçalves Alvaro**

São Cristóvão

2019

Dedico esse trabalho a todos os meus professores que com seu esforço, dedicação e amor me trouxeram até aqui.

AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas que eu gostaria de agradecer que sinceramente nem sei por onde começar. Para chegar até aqui houve uma criança chamada Thaís falando para a família inteira que queria ser professora de História, vocês acreditam? As vezes nem eu mesma consigo realizar que não só aquela Thaís realizou o sonho dela, como também ela esteve mais certa sobre o seu próprio futuro do que talvez eu no presente jamais serei. Foram muitas crises de ansiedade, inseguranças, angústias e mais angústias que me trouxeram até aqui. Mas, em uma escala mil vezes maior estão as felicidades, risos, aprendizados e potências que me carregaram. Um grande salve para todas as forças e aprendizados da vida. E para o tempo, não é minha gente?!

Por isso, eu gostaria de começar agradecendo a minha mãe. Essa mulher incrível que todos os dias deu o seu melhor para me ajudar, me compreender. A ouvinte número um de todas as leituras e seminários que fiz durante a graduação, a pessoa que mesmo sem entender muito bem sobre minhas angústias, buscou me auxiliar e me fortalecer. Te amo, mainha! Ao meu pai, que também não fica nada atrás queria deixar meu grande obrigada. O senhor, talvez só com o grau de brigas um tiquinho maior que minha mãe, mas da mesma forma me escutando, conversando, incentivando e me apoiando me ensinou a seguir meu sonho. E ainda com um adendo: me ajudando a ficar mais calma xingando o governo comigo!

A Greyce Kellyn, minha dançarina preferida, irmã e companheira. Meus mais sinceros obrigada! Sempre acho muito louco como somos irmãs tão amigas e como você me apoia demais em tudo! Tenho muito orgulho da pessoa que você é e que se torna a cada dia que passa! Te amo muito, afinal, você sabe bem de nossa piada interna: pra sempre irmãs! Pra sempre no meu coração! E obrigada a Jonas Almeida, que como companheiro de minha irmã vivenciou muitos momentos em minha vida e também me ajudou demais! Obrigada por todas as risadas, zoações e situações em que você me acudiu.

Vitor, meu bem! Obrigada pra caramba! Você sabe bem todos os percalços que me trouxeram até aqui e sabe o quanto seu suporte é importante nos meus dias. Obrigada por cotidianamente me ajudar a lembrar que sou capaz, que posso ir além. Obrigada

também por estar ao meu lado em tantos momentos, e a gente ter altas conversas sobre a vida. Um casal de *palestrinhas* desse, bicho!

E agora vamos a sessão agradecimentos a esses companheiros de jornada, de riso, de piada e de esperança! A MELHOR TURMA QUE ESSE DHI JÁ VIU NA VIDA (fontes: eu mesma)!!! 2016.1, vocês são incríveis!!! Obrigada por todos os aprendizados possíveis que me deram nessa graduação. Eu acho uma sorte da poxa terem juntado tanta gente maravilhosa em uma só turma e terem me colocado para fazer parte dela. Foram muitos momentos de risada, vide a gente sendo chamado atenção de um professor da UFS que ficou com raiva por estarmos fazendo roda de samba no corredor (umas crianças!) até aulas que todo mundo chorava junto. A gente deu sorte de encontrar uns nos outros o conforto dos machucados da vida. Amo muito todos vocês e sei da incrível potência e importância que cada um terá na vida de seus alunos. Meus mais profundos e sinceros: OBRIGADA!

Agora para meus amigos mais próximos que formei durante essa jornada: Hiago Feitosa, Júlia Matos, Luísa Vilas Boas e Maria da Conceição: eu sinceramente nem sei por onde começar. Vocês sabem como foi. O quão fácil até acabou soando, pelo apoio que todos davam uns aos outros. Das situações que vivemos, como ficar na UFS das 9h até as 22h e ainda conseguir rir com isso. Das azias compartilhadas, das viagens, das festas, das risadas, das madrugadas, danças e das conversas regadas a muito choro, tristezas, dores e curas. Se hoje eu sinto mais confiança sobre a historiadora e professora que serei, com certeza vocês fazem parte disso. Falar que amo todos vocês chega a ser pequeno e óbvio para o tamanho do sentimento.

Quero também agradecer a todos os ensinamentos que o PIBIC, PIBID e a Residência Pedagógica me trouxeram. Em 2019 houve uma mudança gigantesca em mim graças a RP e tudo o que aprendi. As dores e alegrias de ser professora. Por isso, um agradecimento mais do que especial para os meus amados 7ºB e 8ºA da Escola Municipal Major João Teles de Menezes. Vocês com certeza vão longe! Tenho muito orgulho de ter iniciado minha trajetória como docente com vocês.

Por fim e não menos importante: queria agradecer a pessoa que CLARAMENTE é o melhor orientador desse Brasil. CLARAMENTE! Bruno Gonçalves Alvaro. Não sei que coisa boa eu fiz para o mundo para ter um orientador tão acolhedor e verdadeiro. Sabe que muitas vezes você acreditava em mim e em minha pesquisa quando eu mesma já

estava borocoxô e sem confiança? Pois é. Obrigada por todos os ensinamentos, dentro e fora da sala, sobre as lições de vida e sobre todos os apoios que me deu. Das aulas de História Medieval ainda lá no terceiro período até a reunião de orientação que eu acabei chorando sobre a vida. Considero que mais do que pesquisadora iniciante em História Medieval, sou pesquisadora iniciante na arte de viver. Por isso, tenho plena noção sobre o quão você me ensinou, Bruno. Obrigada!

Finalizo aqui agradecendo a todas as pessoas que estiveram presentes em minha jornada, os artistas que com sua arte me ajudaram passar os dias, minha terapeuta, minhas amigas de escola, todos os professores do Colégio Didático e do Colégio Estadual Dom Luciano José Cabral Duarte (com abraço especial a Paulo Roberto, Maria Antônia e Edirani), os professores do DHI e todos os integrantes do *Dominium – Estudos Sobre Sociedades Senhoriais*. Sem vocês, nada disso seria possível. Viva a pesquisa e o ensino público que existe e resiste todos os dias! Agradeço também a você, leitor, por dedicar um tempinho para ler minha monografia.

Thaís Monique Costa Moura

“Viver é partir, voltar e repartir.”

Emicida

RESUMO

MOURA, Thaís Monique Costa. PROTAGONISMO FEMININO: UM ESTUDO SOBRE A RAINHA BERENGUELA (1180-1246) NA *CRÓNICA LATINA DE LOS REYES DE CASTILLA*. Sergipe, 2019. Monografia. – CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas) Departamento de História (DHI), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Sergipe, 2019.

Esse trabalho teve como objetivo principal pensar a trajetória da rainha medieval Berenguela de Castela (1180-1246) e sua representação na *Crónica Latina de Los Reyes de Castilla* e na historiografia voltada para o seu tempo. Sendo assim, optamos por analisar tal assunto através da discussão de gênero, entendendo de que forma tais embates com bases *genderificadas* se apresentam na história da rainha e se inserem na produção historiográfica que vem a sofrer mudanças ao longo do passar dos anos. Por fim, dedicamos nossa conclusão para levantar um questionamento: ao pensar a história da rainha e levando em consideração os embates que foram promovidos ao longo de sua biografia, é possível pensarmos em uma feminilidade régia?

Palavras-chave: Gênero; Idade Média; Castela; Berenguela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – IDADE MÉDIA, IDADE DOS HOMENS?.....	16
1.1 A HISTORIOGRAFIA <i>BERENGUELIANA</i> E <i>FERNANDINA</i> : POSSIBILIDADES SOBRE A RAINHA BERENGUELA.....	18
1.2 A ALCUNHA DA RAINHA-MÃE.....	25
CAPÍTULO II – UMA ANÁLISE DA <i>CRÓNICA LATINA DE LOS REYES DE CASTILLA</i>	28
2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRITICIDADE DA FONTE.....	28
2.2 A ANÁLISE DA CRÔNICA.....	29
CONCLUSÕES E UM QUESTIONAMENTO: PODEMOS PENSAR EM UMA FEMINILIDADE RÉGIA?.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

A Idade Média é um período bastante emblemático para a História com H maiúsculo. O imaginário envolto para essa época é constantemente expandido e/ou descaracterizado. Seja para o que na mídia ou na política se discute, é na medievalidade¹ que se é encontrada a completa ojeriza ou a aficionada paixão. Talvez por isso, quando se pensam sobre as mulheres no medievo, ambos os polos são cogitados. Seriam as mulheres que conseguem se sobressair na Idade Média totalmente servas do seu tempo e da sociedade amplamente masculinizada que as rondam? Ou seriam algumas dessas mulheres exemplos de empoderamento que subvertem a lógica comum àquela época?

Para tal reflexão sobre esses pontos, talvez seja interessante aproximarmos, com uma lupa, para o caso de uma mulher que, a despeito da tipologia e direcionamento da documentação, obteve, ao olhar de historiadora que vive a contemporaneidade no século XXI, visibilidade em seu período e que parecia entender e manusear o funcionamento das relações de poder de seu tempo.

Pensar nessa mulher como um fruto de sua época se faz necessário quando tão diversas facetas são pensadas e criadas para uma medievalidade que funciona como antessala de um outro período histórico, como uma aporia de uma outra ocasião, de uma outra mentalidade. Além disso, é importante lembrar que durante muito tempo, a Idade Média, popularmente conhecida como *Idade das Trevas*, foi um período lembrado quando as pessoas gostariam de apresentar a culminância dos preconceitos da sociedade, no passado ou no presente. Onde a mão da Igreja sempre estaria firme e as mulheres totalmente excluídas das relações políticas como agentes e protagonistas nas decisões inerentes a este ambiente de disputas, conflitos e solidariedades.

De fato, em alguns casos esses preconceitos se mostram bem fundados, ainda que um tanto exagerados. Entretanto, se engana quem acredita que elas estavam totalmente excluídas dos espaços de influência nas relações de poder naquele período. Ainda que em um grau muito

¹ Com o uso da palavra medievalidade aqui nos remetemos ao que foi proposto pelo historiador José Rivair Macedo e Lênia Márcia Mongelli em “A Idade Média no cinema” de 2009 que foca na referência a Idade Média muitas vezes estereotipada ou carregada de elementos que mais remetem a Idade Moderna em si, através de grandiosos castelos e imponentes batalhas e do maravilhoso mágico com magos, feiticeiros, bruxas, etc.

mais diminuto frente a atuação masculina, algumas delas conseguiam obter algum poderio através dos mais variados artifícios.

Compreender tais casos nos é interessante para cada vez mais nos distanciarmos do tenebroso, obscuro e obsoleto e termos uma visão mais atual dessa temporalidade. Estudar monarquias, papados, enfim, grupos sociais dos mais variados e, conseqüentemente, as mulheres, faz-nos desprender da imagem nebulosa em volta da Idade Média e proporciona uma maior profundidade de conhecimento aquele momento.

Nesta monografia optei, dentre diversas mulheres do período medieval – umas com mais destaque que outras – investigar um pouco mais sobre uma rainha específica. Meu interesse surgiu a partir da minha participação nos projetos de pesquisa (PVD6941-2018) *Enfrentamentos e Negociações: Os movimentos de revoltas sociais e a aristocracia senhorial na Idade Média* e (PVD8251-2019) *Poderes e Discursos: a instituição monárquica e os tensionamentos nas negociações senhoriais (Espanha e Inglaterra – Sécs. XII-XIV)*, respectivamente, atuando como colaboradora e Bolsista PIBIC nos Planos de Trabalho *As revoltas no senhorio episcopal de Santiago de Compostela* e que passa a se chamar *"Repressão masculina, resistência feminina: Urraca I e Berenguela e as relações de negociação senhoriais em Castela (Sécs. XII e XIII)* e posteriormente de 2019-2020 em *"Além da rainha-mãe: Berenguela e as articulações de negociações políticas"*.

A rainha Berenguela, ao ser filha mais velha do rei Afonso VIII e sua esposa Leonor, foi educada em sua infância em um espaço monárquico no qual – certamente testemunhou intrigas e negociações políticas das mais diversas. Muita coisa pode ser discutida sobre a rainha castelhana ao longo de sua história, sobretudo, por sua importante atuação para o que foi a união dos reinos de Castela e Leão, no século XIII.

Mas para falarmos desses seus passos, voltemos para suas primeiras experiências. Quando tinha a idade de oito anos, ela foi prometida à Conrado II de Hohenstaufen, duque da Suábia e Rothenburg, filho de Frederico I do Sacro Império Romano-Germânico, com proposta de consolidar a aliança entre o rei de Castela e o imperador germânico. Contudo, o matrimônio não chegou a acontecer, pois Conrado II veio a ser assassinado.

Por ser um importante nome para se selar alianças dada ao posto que era ser filha do rei, Berenguela teve seu casamento arranjado com um monarca leonês chamado Alfonso IX, novamente para que fosse concretizada uma aliança entre as coroas, assim como manobra para cessar os incontáveis conflitos com o reino vizinho. Tal ação, posteriormente, veio tornar-se imprescindível para a união dos reinos de Castela e Leão.

Esse matrimônio configurou a Berenguela a posição de rainha consorte de Leão dentre 1197 até 1204, onde nesse último ano, mesmo com a existência de filhos provenientes desse casamento, a associação foi anulada pelo papa Inocêncio III, com a alegação de ser pecaminosa – vale ressaltar que Afonso IX e Berenguela possuíam relações de sangue e eram primos diretos. Contudo, os filhos do casal ainda permaneceriam na linha sucessória de forma legítima e esse foi um importante ponto para a rainha.

Em 1204 nasce o irmão da rainha Berenguela, Enrique I (1204-1217) que se torna rei desde 1214, ou seja, quando possuía 10 anos. Por ser bastante novo para assumir o trono após a morte de seus pais, Berenguela tornou-se sua regente, mas a própria decidiu abrir mão de tal cargo em nome de um importante nobre da época, Álvaro Nuñez de Lara.

Passados cerca de três anos, ela voltou a ter protagonismo após a morte prematura do irmão em 1217, quando se tornaria, graças a linha sucessória, sua participação e a dos seus conselheiros, o principal nome para a coroa. Porém, em uma ação política, ela abdicou do trono em nome de seu filho Fernando, se tornando regente do reino até sua coroação como Fernando III (1199-1252), rei de Castela desde 1217 e de Leão desde 1230. Após esse período, Berenguela foi constantemente conhecida como rainha-mãe de Fernando III e dona de vital atuação durante seu reinado até sua morte, em 1246.

Após esse breve relato sobre a vida de Berenguela é interessante se fazer também uma breve pausa. Para se compreender tais pontos de sua vida (que foi rainha em suas variadas facetas: rainha consorte, regente e por último rainha-mãe) é importante pensar também nas escolhas que Berenguela realizou durante sua vida. A sua escolha inicial de ceder a regência de seu irmão Enrique I para um importante aristocrata como o Álvaro Nuñez de Lara², manteve a aristocracia apoiando o reino sem passar por maiores conflitos ou até mesmo diminuir a possibilidade de uma guerra civil fomentada pela aristocracia.

Posteriormente, quando Berenguela possuiu a oportunidade de se tornar rainha e cedeu para seu filho tal direito, poderia soar como uma forma de apagamento ou que sua participação poderia passar a se tornar distante do eixo político que se encaixaria no invólucro de uma mulher que nunca obteve o poder e reinado durante a Idade Média. Contudo, ela foi fortemente ativa e sua “voz” política profundamente ouvida no seio da monarquia, e por isso, ainda que não estivesse carregando o cetro, agia como conselheira para as ações do novo rei.

² Álvaro Nuñez de Lara (1170-1218) foi um magnata castelhano também representante da família de Lara (que possuía grande prestígio na sociedade castelhana), por certo tempo regente de Enrique I, após a morte de Enrique I, alferes durante o reinado de Alfonso VIII de Castela.

Ao garantir a tutoria de Fernando III, Berenguela impediu que Alfonso IX de Leão (1171-1230), seu ex-marido e pai de Fernando, assumisse a coroa castelhana e unisse os dois reinos em um momento ainda atribulado para Castela. Apenas após a morte de Alfonso IX, em 1230, que Berenguela se mostra a favor da união das coroas, em um período bem mais próspero para a região.

Como regente, Berenguela estabeleceu-se no poder durante todo o tempo que foi preciso e mesmo após seu filho assumir a coroa, continuou tendo uma forte influência dentro dos reinos. A leitura prévia da historiografia que se debruça sobre o tema que foi utilizada para análise da atuação política desta rainha, demonstram a presença da monarca vivamente, ainda que um tanto esmaecida frente a Fernando III, porém sem perder a grande ressonância para os procedimentos de seu filho durante todo o seu reinado. Nas palavras do historiador Adailson José Rui, Berenguela foi “a líder que conduziu os interesses do reino de Castela-Leão colaborando diretamente na administração do reino e na formação de seu filho, Fernando III, na arte de governar.” (RUI, 2016, p. 187).

Porém, apesar dela ter tido importante função para o reino e ser fortemente ativa na política de sua época, a historiografia sobre seu período teve diferentes versões interpretativas sobre sua atividade. Ela, até o início do século XX, sofreu um silenciamento historiográfico, sendo representada de forma diminuta e modesta, muitas vezes à espreita do seu momentâneo cônjuge, rei de Leão, ou de seu filho. Por isso, durante nossa pesquisa, procuraremos não só demonstrar através da fonte selecionada, a *Crónica Latina de Los Reyes de Castilla*³ e da historiografia que se debruça sobre a temática, as ações políticas de Berenguela de Castela, como também buscar compreender quais motivos poderiam ser suficientes para seu considerável apagamento na historiografia (uma vez que na documentação se é percebida sua atuação na esfera política).

É importante falar que durante muito tempo uma historiografia masculinizada pouco se preocupou em retratar figuras femininas. A desculpa, segundo eles, seria a inexistência de uma documentação mais rica que comprovasse grandes feitos femininos. Quando se discute a atuação de grandes mulheres, o ideal de poder se torna, como apresentou Michelle Perrot no livro *Os excluídos da história*, uma discussão sobre a polissemidade da palavra “poder”. Tudo se transforma em um perigoso jogo de palavras. Para homens, o poder, para mulheres os

³ Dentre várias fontes é possível encontrar a participação da rainha no reino de Castela. Como por exemplo, a *Chronicon Mundi* (1230-1236) feita por Lucas de Tuy que foi criada a mando da rainha.

poderes. Na realidade, o plural comumente empregado, termina por estilhaçar a força da palavra em fragmentos múltiplos, esmaecendo seu conceito (PERROT, 1988, p. 167).

No que se trata sobre Berenguela, ainda que esteja muito presente nas crônicas medievais e surpreendentemente havendo algo próximo de um consenso na historiografia *fernandina* sobre sua importância para o governo e unidade dos reinos de Castela e Leão no século XIII, pouco se encontra sobre ela em estudos isolados, ou seja, análises específicas sobre sua atuação. Foi preciso nos remetermos aos estudos sobre Fernando III para encontrarmos algumas pistas sobre a rainha regente anteriormente e somente após o avanço realizado pelos movimentos da História das Mulheres, do Feminismo e Estudos de Gênero, algumas reflexões sofreram mudanças claras. Assim, foi preciso investigar não somente nos documentos medievais, como também dentro de tais silêncios contidos na historiografia, a atuação política e o poder da monarca nas ações, tratados e negociações.

Nesse caso, Berenguela pode parecer inverter a ótica comum ao seu tempo: dessa vez, é a figura da mulher orquestrando as ordens e afazeres do homem. Esse panorama pode se mostrar crível dentro dessa perspectiva, pois se há dados que comprovem que diversas vezes as ações de Fernando III foram aconselhadas pela rainha, isso quando não era a própria que arquitetava a negociação, mostrando assim uma legitimidade de poder dela dentro do governo de seu filho. Contudo, veremos que Berenguela mesmo entendendo como funcionava as regras do reino, ainda lidou o conjunto de suposições e expectativas sobre sua atuação por ser uma figura feminina.

Sendo assim a pesquisa sobre a rainha teve foco em suas articulações políticas, buscando trazer um olhar sobre a temática nas fontes selecionadas. A partir da bibliografia consultada, a lupa do fazer historiográfico se ajustou para buscar e analisar tais interações e afazeres da monarca, ao procurar ser uma contribuição para os estudos sobre o tema. As fontes utilizadas são de comum acesso, focando assim em proporcionar um maior debate sobre a temática.

Para tal feito, nos embasaremos na Teoria de Gênero proposta pela historiadora norte-americana Joan Wallach Scott para uma análise da rainha de forma genderificada, ou seja, partindo da reflexão sobre o sentido das construções identitárias que podem ser lidas socialmente como masculinas ou femininas, bem como sua caracterização. Buscaremos na análise de gênero compreender contextos sociais sobre a rainha no período em que ela viveu e posteriormente nas lentes que buscaram enxergar sua vida.

Por isso em nosso primeiro capítulo procuraremos mostrar como se deu a construção de sua imagem para a historiografia acerca do tema, levando em consideração algumas questões que passam ao redor de toda construção historiográfica. Como sabemos, o presente nos diz muito sobre o que escrevemos sobre o passado e é sobre como tais questões influenciaram na visão passada sobre a rainha na historiografia que buscaremos tratar.

Além disso, enfocaremos como os pontos de reflexão que Joan Scott nos trouxe a pensar a História de Gênero e suas possibilidades para analisar a historiografia e nossas fontes de forma valiosa, faremos isso ao pensarmos a historicidade da alcunha de rainha-mãe recebida pela rainha em sua representação na fonte e em certo ponto na sociedade de sua época (ainda que de caráter não direto).

Já no segundo capítulo, trataremos como todas essas reflexões culminam em nossa análise da fonte, com o enfoque em demonstrar como determinadas ações que partiram de Berenguela foram realizadas, evidenciando sua participação política, bem como seus resultados. Aqui buscaremos demonstrar ao lado da fonte de que modo explícito funcionava as arquiteturas e organizações do governo, bem como o formato que operavam as disputas de poder ao redor da rainha.

Finalizamos então nossa monografia com uma conclusão e não obstante um breve questionamento sobre o que chamamos de *feminilidade régia* na vida da rainha e como ela se mostra presente na fonte que trabalhamos. Buscamos então com esse trabalho participar das discussões que já estão iniciadas a respeito sobre a trajetória de vida da rainha Berenguela, de modo a buscar pincelar alguns questionamentos e inquietações vindo dessa historiadora que lê o documento no século XXI.

Finalmente, alertamos às leitoras e leitores que, a disciplina de Prática de Pesquisa foi cursada e finalizada no segundo semestre de 2019 que adentrou 2020, assim como sua consolidação, em março. No entanto, com a Epidemia de COVID-19, tivemos tempo para revisar alguns detalhes junto ao nosso orientador, por isso algumas referências atualizadas.

CAPÍTULO I: *IDADE MÉDIA, IDADE DOS HOMENS?*

*“As mulheres, além disso, não
são exclusivamente forças do mal.
São também potência civilizadora,
[...] As mães possuem “destinos do
gênero humano”. [...] A figura
obcecante da Mãe tende a absorver
todas as outras.” (PERROT, 2018, p.
178)*

Quando o historiador Georges Duby publicou o livro que veio a ser conhecido aqui no Brasil como *Idade Média, Idade dos Homens* (2011), ele tinha um material muito claro - reunia ensaios cuja escrita variava entre 1967 e 1986, que vagavam pelo mesmo objetivo: mostrar que de tanto vermos uma Idade Média masculinizada, pouco tínhamos contato com o outro lado da equação. Nesse caminho, ele escreveu sobre diferentes modos de ser mulher na Idade Média. Sobre as instituições que circundavam essas mulheres – como o casamento, uma estrutura familiar que tinha bastante força naquela época (*seria só naquela época?*) e sobre essas “memórias sem historiador”. Tal atitude nos é tão importante que aqui estamos em 2020 ainda nos debruçando na mesma perspectiva.

Ao contrário do que esperávamos, ainda nos deparamos com um ambiente extremamente masculinizado circundando as mais variadas relações de poder. Seja a relação de poder que estamos buscando retratar e que aconteceu na virada do século XII ao XIII, ou além disso, a relação de poder envolta na construção historiográfica de nossas temáticas de estudo. Por isso, nesse capítulo buscaremos fazer um breve apanhado historiográfico sobre a rainha Berenguela. Queremos também mostrar algumas tentativas de compreensão do porquê diversas vezes acontece o desaparecimento e posteriormente o aparecimento da rainha na historiografia.

Tal atividade nos é importante pelo seguinte motivo: para nós, todo tipo de pesquisa é uma escolha política. Política em suas mais variadas configurações, sendo desde uma forma de demarcar um espaço ou até mesmo uma forma de provocar um silenciamento sobre a temática, por isso, um texto deixa de ser apenas um texto e nos mostra um emaranhado de possibilidades.

Esses embates são visíveis nas construções historiográficas de qualquer figura, mas excessivamente em figuras femininas – podemos ver isso para as rainhas Cleópatra, Urraca I de Leão e Castela e Maria Antonieta, entre a imperatriz Teodora e a combatente Joana D’arc, passando pela beguina Marguerite Porete e indo para a líder quilombola Teresa de Benguela. Inúmeras são as formas de escolher ou apagar mulheres que marcaram a história.

A simples alusão a essas figuras femininas nos remetem a incontáveis problemáticas nas mais longínquas temporalidades. Isso porque, mesmo ao mudarmos a localização geográfica e o tempo em que tais mulheres viveram, uma situação sempre nos é relembrada: faltam-lhe análises sobre suas vivências ou essas análises são feitas às avessas.

Com a rainha Berenguela não nos foi diferente. Mesmo tendo um forte aparecimento nas fontes que foram cunhadas em seu tempo, Berenguela parece ter desaparecido nele. Houve, inclusive, um caso historiográfico que a autora *Janna Bianchini* nos apresenta na introdução de seu livro que chegaram a escrever que em 1217, quando na verdade Fernando III ascendia ao poder em Castela, historiaram que ela havia morrido nessa data. Conforme explica Bianchini: tal situação é um sinal que “seriamente há algo de errado no registro historiográfico.” (BIANCHINI, 2012, p. 13). Mas qual seria esse algo de errado?

Bom, Berenguela era uma mulher. Uma mulher da alta classe social, filha de reis, educada desde o princípio de modo a despertar sua visão política e administrativa (ROSÁRIO, 2019, p. 39). Porém, uma mulher. Por anos a fio, as histórias de mulheres foram dificultosamente trabalhadas. Com problemáticas diversas, apenas após o advento das Ondas Feministas e da História das Mulheres (e consequentemente com a História de Gênero da qual trabalhamos) é que as histórias puderam ser mais diversificadas e femininas, e essas mulheres, que até então tinham apenas o espaço reduzido de destaque, começaram a ser melhor estudadas. Infelizmente, tal acontecido é repetido de diversas formas nos mais variados casos historiográficos.

Um exemplo intrigante, no que diz respeito aos reinos “espanhóis”, é a figura emblemática de Urraca I de Leão e Castela, que passa a ter seus trabalhos em maior número simultaneamente aos movimentos feministas dos quais foram mencionados anteriormente, se tornando uma figura que foi execrada na historiografia anteriormente e posteriormente elevada aos céus, para só então recentemente começar a encontrar um ponto de equilíbrio na historiografia dedicada aos seus feitos, como nos apresenta bem a historiadora Luísa Vilas Boas dos Santos (2019) com quem dividimos debates e reflexões no decorrer do nosso curso de graduação e quando fomos bolsistas de Iniciação Científica.

Diferentemente do caso citado, esse fenômeno ou *boom*, a nosso ver, não acontece da mesma forma com Berenguela. Talvez, tal ação pode ter a ver com sua história: como a rainha é conhecida por ter passado seu reinado para seu filho Fernando III e se manter na posição de rainha-mãe, possivelmente ela soasse como uma história que não parecesse ser interessante de ser *contada* e analisada. Seja por um viés de relato misógino (onde busca-se esconder a ação de mulheres na história), seja por uma ação feminista (que está na busca de mulheres que representam modelos de figuras que sofreram, se destacaram e resistiram na história). Berenguela não parece se encaixar nos embates. Ou seja, em alguns casos, ativa o suficiente para ser destaque e importante, mas não o suficiente para se tornar um mártir da história.

Não sendo a primeira opção de escolha nas narrativas, Berenguela demorou a começar a ser retratada com posição de destaque. Como “destaque” buscamos nos referir aqui a trabalhos voltados exclusivamente à rainha. Contudo, tal cenário vem se modificando, como veremos melhor a seguir.

1.1 A HISTORIOGRAFIA *BERENGUELIANA* E *FERNANDINA*: POSSIBILIDADES SOBRE A RAINHA BERENGUELA¹

Mesmo protagonizando uma posição de singular evidência política, a historiografia pouco dedicou tintas para análises voltadas exclusivamente para as participações da rainha nas decisões do reino de Castela. Ou seja, quando houve ou há espaço para Berenguela, geralmente é à sombra de Fernando III. Nos trabalhos que foram levantados durante nossa revisão historiográfica, a rainha é, de fato, retratada como articuladora política e uma mente por trás das ações do reino, sendo figura chave em tratados e relações senhoriais. Entretanto paradoxalmente, a produção e reflexões, até onde pudemos chegar a esta altura da pesquisa, são reduzidas e, na maioria das vezes, com um enfoque coadjuvante à rainha. Ainda assim, nos deparamos com interessantes e diversas perspectivas, mesmo que suas abordagens sejam de fundo abrangentes.

Quando pensamos na perspectiva de representação dentro da historiografia, aqui nos remetemos a um conceito cunhado pelo historiador Roger Chartier. Ele entendia como

¹ Esse tópico foi baseado em uma comunicação redigida para a XIII Semana de Estudos Medievais, organizado pelo Programa de Estudos Medievais (PEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2019. O texto foi publicado nas atas do evento, porém foi alterado devido as mudanças durante a pesquisa.

representação o não neutro, que representa um objeto presente. Como explica José D’Assunção Barros:

As representações - acrescenta Chartier - inserem-se “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”; em outras palavras, são produzidas aqui verdadeiras “lutas de representações”. E estas lutas geram inúmeras “apropriações” possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano. (CHARTIER, 1990 apud BARROS, 2005, p. 139)

As “lutas de representações” e “apropriações” são bastante percebidas em torno de toda a política (em sua mais variada pluralidade) do curso de Berenguela, onde, seja em vida ou em legado, a faceta política *versus* a faceta que a historiografia trouxe para a posterioridade são meras representações da rainha.

Assim, um dos trabalhos mais interessantes sobre a rainha é um compilado chamado *Berenguela Magna Reina de Castilla y Leon (1180-1246)* (2016) dirigido por Rafael Ramos Ruiz Asencio em prol da obtenção do título de doutor pela Universidade de Valladolid. Nesse trabalho, são encontrados e compilados dados e análises sobre a rainha de forma singular. Partindo, então, desde o tratado com as manifestações artísticas das Ordens Militares, passando pela relação de Berenguela com Francisco de Assis, com as Cortes Itinerantes, indo até sobre o uso de vestidos e da moda como um todo no século XII e XIII, parando, até mesmo, na evolução da música e da literatura durante sua vida. Esse trabalho, sem dúvida alguma, leva bastante destaque pela amplitude de assuntos que permeiam seu exame, em um trabalho incansável de contato com variadas fontes.

Já o historiador H. Salvador Martinez em seu artigo *Matrimonio de Alfonso IX de León com Berenguela de Castela: uma história de intrepidez feminina* (2012) mostra como as atuações de Berenguela são orçamentadas, de certa forma, em sua coragem. Nos episódios do conchavo político com a família aristocrática de Lara, onde ela abdica da regência de seu irmão para o Álvaro Nuñez de Lara (e conseguindo assim evitar uma série de questionamentos sobre poder dentro de Castela) e quando também volta a abdicar novamente da coroa para passá-la ao seu filho, que viria se tornar Fernando III.

A historiadora Mirian Shadis, uma das profissionais que escrevem sobre Berenguela, em seu artigo dentro do livro *Medieval Mothering* publicado em 1996, um livro voltado para a oferecer uma ampla gama de abordagens para as atividades e usos do papel materno da sociedade medieval, a autora discute sobre ações da rainha que fugiam ao clichê da rainha-mãe

do senso comum: conviver em uma sociedade masculinizada, manter acordos, selar novos destinos e conseguir manejar sexualidade, casamento e até mesmo a sucessão de seu filho.

Em outro texto, *Woman, Gender, and Rulership in Romance Europe: The Iberian Case*, Shadis (2006) busca discutir como a política era orquestrada por mulheres na Idade Média. Para isso, Shadis faz um breve panorama de ações de rainhas como Urraca I de Leão e Castela (1080-1126) e Berenguela, buscando mostrar como o gênero intervia em suas ações, todavia como elas buscavam maneiras de agir mesmo assim.

Shadis também foi a autora de um dos livros principais para a historiografia sobre Berenguela. *Berenguela of Castille (1180-1246) and Political Women in the High Middle Ages* (2009) é uma biografia sobre a rainha, cuja perspectiva de análise segue na dos outros trabalhos da autora: entender relações e tensionamentos sobre maternidade e a reinado. Partindo da atividade de Leonor de Inglaterra, rainha de Castela e sua mãe, do âmago da sua educação e até a atividade da rainha. Shadis, também tece que:

Ela frustrou as expectativas de que perderia o poder colocando seu filho entre ela e suas competições; depois, ela governou em conjunto com ele. A capacidade de Berenguela, bem como seu relacionamento pessoal com o filho, a mantinha no poder. [...] Seu poder e até sua autoria foram reconhecidos por sua família, bispos, cronistas, abadias e outros, incluindo pessoas comuns em suas transações cotidianas. (SHADIS, Miriam, 2009, p. 120, tradução nossa)²

Outras historiadoras também são de bastante renome quando se pensa a rainha Berenguela. A historiadora Janna Bianchini (2012) realiza um livro, cuja perspectiva é de dar visibilidade a história dela, de modo a ser uma das obras mais completas e atuais. No Brasil, no ano de 2019 foi defendida pela historiadora Thaís do Rosário a dissertação intitulada *O papel de Berenguela de Castela (1180-1246) na unificação dos reinos de Castela e Leão (1230) segundo a Historia de Los Hechos de España* (2019), com o objetivo de mostrar o efetivo papel da rainha na união dos reinos de Castela e Leão, que hoje conhecemos como a união definitiva.

Nesse trabalho, Thaís do Rosário apresenta de forma bastante clara o processo de cotejo e análise de diversas crônicas sobre a rainha, onde, mesmo se salientando na *Historia de Los*

² She frustrated expectations that she would lose power by placing her son between herself and her competitions, she then ruled jointly with him. Berenguela's ability, as well as her personal relationship with her son, kept her in power. (...) Her power and even her authority were recognized by her Family, chroniclers, bishops, abbesses, and others, including ordinary people in their day-to-day transactions.

Hechos da España, ela consegue apresentar diferentes perspectivas sobre a narrativa da vida de Berenguela, oferecendo ali os tensionamentos e posicionamentos da rainha perante suas atitudes políticas de amplo destaque. Por fim, conforme apresenta-nos em suas considerações finais:

A análise de sua atuação política durante esses primeiros anos de reinado de Fernando III leva-nos a afirmar que, embora não tenha trabalhado sozinha para a efetivação deste projeto político – o que sequer seria possível em uma sociedade política-, Berenguela não foi unicamente uma ferramenta da autoridade de homens que a rondeavam, educada para governar e compreendendo a dinâmica da sociedade política castelhana e da leonesa, conseguiu manter-se no centro das relações de poder e conduzir este projeto. (ROSÁRIO, 2019, p.99)

A pesquisadora Thaís do Rosário também buscou se debruçar na mobilidade social da rainha dentro da nobreza através da fonte já trabalhada no artigo *Berenguela de Castela (1180-1246) e sua mobilidade dentro da Alta Nobreza na Historia de Los Hechos de España* (2018). Nesse artigo, a pesquisadora traça pontos muito interessantes para a nossa perspectiva de análise, uma vez que a autora destrincha todo o prisma de instituições sociais importantes para sua atuação, passando pelo seu passado de objeto de articulação política, partindo para seu momento de rainha e herdeira do trono até sua posição de rainha-mãe.

Além do trabalho da historiadora, também nos deparamos com o artigo do historiador José Adailson Rui intitulado *Berenguela: de instrumento de aliança e paz a rainha e articuladora política dos interesses do reino de Castela* (2016), no qual ele também busca nos mostrar a importância e a atuação política da rainha, só que dessa vez ao viés da *Primera Crónica General*, uma fonte cunhada durante o reinado de Alfonso X, o Sábio, onde, deste modo, também é possível se refletir no lado memorialístico da narrativa, uma vez que a forma que Berenguela é apresentada nessa fonte também muito nos diz sobre qual é a expectativa de História (com H maiúsculo) que se é buscado perpetuar e ecoar no reinado de Alfonso X.

Contudo, a produção sobre a rainha em historiografias essencialmente *berenguelianas* ainda é pequena se levarmos em perspectiva outras figuras conhecidas do reinado castelhano. Quando se muda um pouco a ótica da pesquisa e volta-se a historiografia sobre seu filho Fernando III, um maior número de pesquisadores sobre o tema são encontrados e encontradas. Na historiografia *fernandina*, a rainha também é citada como forte arquiteta das negociações do reinado de Fernando III.

Além disso, se pousarmos na perspectiva de análise da historiografia voltada à Fernando III, encontramos uma grande possibilidade de historicidade das versões de “retrato” de

Berenguela ao longo da história. Uma vez que na fonte, Berenguela é compreendida de forma presente. Ou seja, quando se parte do exercício de exame e crítica sobre a fonte que possui uma participação efetiva da rainha, a forma da versão argumentativa nos dá uma grande possibilidade de compreensão da problemática representativa.

Por exemplo, na obra *Fernando III El Santo*, escrita por Francisco de P. Solano e publicada em 1959, onde o autor busca relatar os passos que encaminharam a vida de Fernando III, desde sua infância até sua morte. A biografia histórica de Solano chega a afirmar que os primeiros anos de vida do futuro monarca foram tristes. Dentre os motivos mostrados pelo autor para sua infância não ter sido “feliz”, e fazer até os nobres do reino se compadecer do pequeno, seria sua distância de Berenguela, nas palavras do autor: “[...] porque sua vida estava triste longe de sua mãe, a inteligente infanta castelhana.” (SOLANO, 1959, p. 11, tradução nossa).³ Durante a análise do excerto da obra, as hipóteses levantadas pelo autor, assim como as justificativas das ações *berenguelianas* soam exageradamente maternas ou imprudentes (para as ações que fugiam desse ideal materno), ainda que, não sejam desconsideradas as habilidades diplomáticas da rainha.

Uma diferente representação da rainha parte da construção de análise de Jenaro Costas Rodriguez, no livro *Fernando III a través de las crónicas Medievales*, publicado em 2001, busca trazer a representação do Fernando III através das crônicas existentes em sua época e para isso debruça-se nos personagens existentes durante seu reino. Como era de se esperar, a rainha Berenguela é citada. Sua imagem é retratada como “hábil negociadora” (COSTAS RODRIGUES, 2001, p. 20), aqui, um certo protagonismo também é oferecido à rainha, onde parece *prever* conflitos de sucessão, possíveis guerras civis e é figura chave para a união entre os reinos de Castela e Leão.

É interessante notar com esses exemplos que foram dados que, independentemente da época em que Fernando III foi estudado, houve a necessidade de se debruçar na história da rainha Berenguela (nem que fosse de modo superficial).

Também nos foi percebido que no primeiro trabalho citado da historiografia *fernandina*, uma produção do final dos anos 60, a visão sobre a rainha ainda é um tanto *genderificada*,⁴ ou

³[...] porque su vida era triste lejos de su madre, la inteligente infanta castellana.

⁴ Sobre como gênero vem se tornado cada vez mais uma categoria de análise utilizada nos campos de História Medieval no Brasil, indicamos a leitura do trabalho de conclusão de curso do historiador Cassiano Celestino de Jesus (2017), pela Universidade Federal de Sergipe. Intitulado: *(Des)Problematizando a Idade Média: Reflexões sobre a perspectiva do gênero na medievística brasileira (2000-2015)*.

seja, parte da reflexão sobre o sentido das construções identitárias que podem ser lidas socialmente como masculinas ou femininas, bem como sua caracterização. Ou, como a historiadora Joan Scott, ao escrever sobre a categoria e perspectiva da História de Gênero, definia gênero:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos. Eles são inter-relacionais, mas precisam ser analiticamente distintos. O cerne da definição pousa em uma integral conexão entre duas preposições: gênero é um construtivo elemento de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é um primário caminho de significar relações de poder. Mudanças na organização das relações sociais sempre correspondem em mudanças nas representações de poder, mas a direção da mudança não é necessariamente em um caminho. (SCOTT, 1989, p. 1067, tradução nossa) ⁵

Dessa forma, é possível perceber que assim como veio a acontecer durante a vida de Berenguela, a construção historiográfica sobre ela também está alinhada em como as referências culturais são constantemente criadas dentro da sociedade.

Logo, entender a forma em que relações de poder são primariamente construídas e exercidas nas trajetórias femininas (e masculinas) se faz significativa durante todo nosso processo. Nesse caso que estamos pensando, ela é retratada como descuidada por não ter cuidado prudentemente de seu filho. Esse excerto é atraente de ser analisado pois é como se a produção historiográfica procurasse culpabilizar a atitude da rainha perante a educação de seu filho, como se fosse dever exclusivo dela a educação do futuro monarca. Ainda assim, nesse mesmo trecho a rainha é elogiada como inteligente.

No segundo excerto, é interessante notar como essa narrativa toma uma diferente roupagem. Aqui, outras características de Berenguela são ressaltadas, assim como sua atuação política recebe devida atenção em sua forma historiográfica. Seria imprudente de nossa parte não considerar o diferente momento historiográfico em que estamos analisando os dois estudos, pois, com o advento da História das Mulheres, do Movimento Feminista e da História de Gênero, bem como sua inserção na forma de análise histórica, houve uma significativa mudança na maneira de retratar as mulheres em todas as instâncias, incluindo no medievo. A partir daí a forma de representar a rainha recebe uma diferente direção.

⁵My definition of gender has two parts and several subsets. They are interrelated but must be analytically distinct. The core of the definition rests on an integral connection between two prepositions: gender is a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes, and gender is a primary way of signifying relationships of power. Changes in the organization of social relationships always correspond to changes in representations of power, but the direction of change is not necessarily one way.

É interessante notar toda a historicidade do movimento Feminista na Espanha, por exemplo. Tradicionalmente no século XX, ele ganha forças atrelado para em poderes políticos de esquerda, com uma forma de se organizar politicamente (e de modos diferentes) para lutar contra a Ditadura Franquista (1936-1975). Após o processo de queda da ditadura e do período de transição para a democracia, as organizações feministas atreladas a movimentos político-partidários perderam um pouco de sua força e foram abrindo espaço para outras organizações livres feministas:

Com a consolidação da democracia, o movimento feminista entra em crise. E nesse momento de desorientação surge o feminismo independente, que propunha a ação à margem das instituições e das estruturas criando espaços próprios e conecta com o feminismo da diferença; Reflete um certo cansaço frente à hegemonia anterior do marxismo no debate feminista e propõe temas de reflexão novos como o corpo, o poder, a linguagem ou a violência como estratégia de luta. (MORENO SECO, 2005, p. 20, tradução nossa)⁶

Ao seguirem esse caminho, questões que iam além do espaço político-partidário puderam ser melhor revistas. Sendo assim, abrem espaço para inserir pautas, como por exemplo a violência doméstica, a da propaganda sobre “maternidade não é sexualidade” que buscavam possibilitar um maior acesso a produtos anticoncepcionais, e até mesmo no âmbito educacional, em um movimento de coeducação e ensino não sexista. Todos esses acontecimentos proporcionaram:

[...]a fragmentação e o desencantamento progressivamente se espalharam. Os Dias de Barcelona de 1985 marcam o fim de uma era. Por outro lado, os centros de estudo e pesquisa nas universidades são consolidados, como o Centre d’Investigació Històrica de la Dona en la Universidad de Barcelona, o el Seminario de Estudios de la Mujer na Universidad Autónoma de Madrid. Há um aprofundamento nos aspectos teóricos, mas o elemento reivindicador que caracterizou o feminismo dos anos setenta é atenuado. (MORENO SECO, 2005, p. 21-22, tradução nossa)⁷

⁶ Con la consolidación de la democracia, el movimiento feminista entra en crisis. En ese momento de desorientación irrumpe el feminismo independiente, que propugna la acción al margen de las instituciones y las estructuras creando espacios propios, y entronca con el feminismo de la diferencia. Refleja un cierto cansancio frente a la hegemonía anterior del marxismo en el debate feminista y propone temas de reflexión nuevos como el cuerpo, el poder, el lenguaje o la violencia como estrategia de lucha.

⁷ Al mismo tiempo, al igual que sucede con otras organizaciones que protagonizaron la dinámica movilización social de la transición, cunde progresivamente la fragmentación y el desencanto. Las Jornadas de Barcelona de 1985 marcan el final de una época. Por otra parte, se consolidan los centros de estudio e investigación en las universidades, como el Centre d’Investigació Històrica de la Dona en la Universidad de Barcelona o el Seminario de Estudios de la Mujer en la Universidad Autónoma de Madrid. Se da una profundización en aspectos teóricos, pero se atenúa el elemento reivindicativo que había caracterizado al feminismo de los setenta.

Com tais atos acontecendo, progressivamente, em conjunto com o que vinha ocorrendo em outros países, a busca e o aumento em temáticas de estudo que se cercavam da mulher foram se consolidando.

Todo esse contexto teve forte impacto para a produção também em questões voltadas para a Idade Média e para as rainhas do período. Com Berenguela, apesar de limitada, a produção que buscava se voltar para sua trajetória obteve uma nova roupagem mais ou menos consoante a essas mudanças sociais, que podem ser fortemente percebidas quando são postas em comparação trabalhos em diferentes anos sobre a rainha.

No que se trata para a análise em voga sobre a rainha, um outro ponto bastante presente nas páginas sobre ela seriam a colocação e a nomeação de “rainha-mãe” que ela recebe durante sua vida. Para uma melhor compreensão desse ponto, reservemos um tópico.

1.2 A ALCUNHA DA RAINHA-MÃE

A história de uma mulher pode ser utilizada de diversas maneiras como forma de estabelecer ou arruinar discursos nas mais variadas temporalidades. Como já observamos, com a rainha Berenguela não é muito diferente. Além de sua história ter passado pela historiografia de forma esmaecida,⁸ quando ela teve destaque nessa mesma historiografia foi naquela dedicada à Fernando III e, mesmo assim, conforme a temporalidade em que a historiografia estava sendo escrita é possível identificarmos nuances bem diferentes às representações atribuídas à Berenguela.

Além disso, temos analisado que, inicialmente, dentre todos os modos de se relembrar do seu reinado e suas atuações políticas ainda na Idade Média, a alcunha de “rainha-mãe” seria bastante presente em suas reminiscências.

Entender a ideia de ser uma rainha-mãe na Idade Média pode causar os mais diversos debates. Isso porque, segundo Rosário (PASTOR, 2005 apud ROSÁRIO, 2018, p. 256) tal atuação extrapola inteiramente apenas o ideal biológico do caso, mas também porque ele traz significados culturais para o acontecimento. Ser uma rainha-mãe na Idade Média é, sem dúvida alguma, uma posição importante e é nesse papel que se é enxergada a possibilidade de ser notada socialmente e politicamente.

É evidente que tais características fazem alusão ao modelo supremo da Igreja Medieval que seria a Virgem Maria. A grande figura materna da Igreja Cristã Medieval. É nela que todas

⁸ Aqui nos referimos pela relativa escassez de trabalhos que se voltam exclusivamente ao seu estudo.

essas características são embebidas e ansiadas. Maria exerceu o papel de instrutora e conselheira de Jesus, que esteve ao lado em todos os momentos, sendo imaculada de todo o mal (SILVA, 2016). Além disso, foi ela que o preparou para assumir o trono dos céus. Por tal poderosa imagem simbólica, o papel de mãe é notavelmente visado naquela sociedade. Para a rainha Berenguela tal posição é designada com louvor e sua representação é apresentada nas fontes em dois estágios: 1) quando abdica da possibilidade de se tornar rainha de Castela para passar o reinado para seu filho – que ainda não tinha a idade ideal para reinar e, por isso, ficaria sob a tutoria da rainha; 2) quando posteriormente ao Fernando III ser coroado ela permanece ao seu lado constantemente o aconselhando e, algumas vezes, realizando ela mesma os tratados.⁹

Foi percebido que tal papel é de suma importância para a sociedade medieval e mais que isso, almejado. Durante toda sua atuação da rainha ela é retratada de forma desprendida, benevolente. Nos já citados casos anteriores da historiografia em que tal representação foi ressaltada, é possível compreender que Berenguela buscou manter-se no poder e ativa politicamente por detrás da ideia de ser regente ou rainha-mãe.

Em toda o curso de sua história em vida, Berenguela, ainda que ela obtenha uma posição de poder almejável para a época, sendo de alta posição social, ainda é postulada como a “mãe do rei” e busca a existência desse papel. É possível observarmos diversas imposições a respeito de sua forma de agir, pensar e lidar com situações arriscadas. Quando administra uma negociação é uma “mãe benevolente”, ou seja, na construção da figura matriarcal que a sociedade a impôs, ou quando procuram a elogiar e dizem nas fontes de seu período que “Berenguela fue tan sabia que parecia que la sabiduría de su padre se había trasladado a ella” (COSTAS RODRIGUEZ, 2001, p. 19), evidenciando a visão de sempre haver participação de uma figura masculina que havia passado seu conhecimento para ela.

É interessante de se pensar que independente dos pontos em que Berenguela estava vinculada, ou dos estereótipos em que ela parecia se encaixar, em nenhum momento sua potencialidade foi negada. Pelo contrário. As fontes de sua época denotam sua participação política e os momentos em que ela mesmo orquestrou tratados políticos, chegando até, algumas vezes, chegar ao campo de batalha. Mesmo quando ocupa o espaço de “rainha-mãe”, que vimos que era um espaço que denotava grande respeito (que, de fato, ela o recebeu), nada disso a

⁹ Um importante tratado que Berenguela foi uma das responsáveis pela realização foi o Tratado das Terceiras. Berenguela foi atuante juntamente com Teresa de Portugal, as duas uniram as infantas Sancha e Dulce com o propósito delas renunciarem a coroa de Leão, passando assim pleno poder para Fernando III. Esse tratado provocou a união pessoal das duas coroas, sendo então restaurada definitivamente para Fernando III e seus sucessores.

ausentou da responsabilidade política. Tendo todos esses quesitos lembrados, é nessa conjectura que se é facilmente percebido a atuação da rainha frente a união de Castela e Leão, onde, sua atitude, mesmo sem carregar o cetro e evidenciada por tal fato, foi de vital notoriedade para o acontecido.

Mesmo a fonte em que estamos nos debruçando conter forte teor castelhano e encerrar sua narrativa em 1236 (10 anos antes da morte da rainha), a *Crónica Latina de Los Reys de Castilla*, nos possibilita diversas análises da profícua presença política da rainha. É isso que demonstraremos no segundo capítulo deste nosso trabalho de conclusão de curso.

CAPÍTULO II:

UMA ANÁLISE DA CRÓNICA LATINA DE LOS REYES DE CASTILLA

“[...] porque siendo ella mujer no podría soportar el peso del gobierno del reino.”
(CHARLO BREA, 1998, p. 68)

O uso de crônicas para se refletir o medievo é uma prática bastante empregada no fazer historiográfico que se debruça na área. Sendo um tipo de fonte mais conhecido para a historiografia, o emprego das crônicas medievais também possui certos cuidados que são necessários de se refletir antes de realizar tal prática.

Tal cuidado deve-se porque as crônicas medievais são, assim como qualquer item criado em seu tempo-espaço, um produto de seu próprio instante. Ela é uma fonte de sua época, retratada pelos olhos do autor. Ou seja, há um cuidado importante a ser tomado: o cronista ao escrever sobre sua época está mostrando sua versão sobre o fato, que pode ser ou não factível. Era comum na Idade Média a prática de se pagar pessoas para criarem crônicas, o que abre espaço para pensarmos em uma eventualidade: paga-se ao criador da crônica e com isso, os dados ficam um tanto alterados.

Conforme fala Guimarães:

A crônica histórica tardo-medieval é uma realização discursiva narrativa, construída a partir de pressupostos de uma tradição literária cristã, retomada e recriada por seus cultores, com intenção de verdade, ainda que incorpore elementos ficcionais que servem a essa verdade. (GUIMARÃES, 2012, p.70)

Por isso, no que cabe a nós analisarmos, partiremos no que de fato nos diz a fonte, seja aquilo factível ou não. Aqui, o que nos importa seria a realidade contida em nossa fonte e a que serviço ela poderia ser criada. Partindo assim, do pressuposto da participação de Berenguela de acordo com o arquitetado pelo autor da crônica.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRITICIDADE DA FONTE

Um ponto importante de ser levantado é a discussão sobre quem cunhou a fonte. Na edição crítica que utilizamos, de Luis Charlo Brea (1999), há um estudo que nos fornece uma importante noção a respeito de sua produção, conteúdo e o marco temporário. Tal estudo nos prevê que a criação da fonte se deu pelas mãos de um eclesiástico e que morava em Castela, por conter vocábulos regionalistas e não soar tão favorável a Leão, bem como citar

com frequência clássicos da língua latina, demonstrando ter conhecimento também das sagradas escrituras e dos arquivos do reino. Tal figura mais provável para ter cunhado a fonte seria Juan de Soria, obispo de Osma, que foi secretário e chanceler de Fernando III até sua morte em 1246. A posição de Juan de Soria também nos faz pensar e perceber que seu cargo também interfere na sua forma de representar o reino.

Sobre a época de sua criação, tudo indica que a fonte foi escrita em dois tomos. Sendo assim, de acordo com os dados retratados na fonte, indica-se que a primeira parte data entre agosto e setembro de 1226 e a segunda de sendo posterior a novembro de 1236. Onde a fonte busca relatar os ocorridos durante os reinados em Castela de Alfonso VIII, Enrique I, Berenguela e Fernando III.

Nos importa compreender os personagens citados na construção da narrativa dos acontecimentos historiográficos. Isso porque, em determinados momentos, há passagens em que na *Crónica Latina de Los Reyes de Castilla* não detalha muito bem certos casos, bem como escolhe explicitar apenas alguns personagens de determinado evento, conforme o patrocínio de Fernando III em sua construção e por isso, o acompanha em sua narrativa (ROSÁRIO, 2019, p.4). O uso da palavra “personagens” nos é proposital, pois sendo constituída ao redor do reinado de Fernando III, a crônica é um texto narrativo, onde “isso significa que seu estudo inclui elementos como foco, espaço, tempo, personagens, enredo, figuras e intertextualidade [...]” (GUIMARÃES, 2012, p. 70).

Sendo assim, buscaremos compreender e explorar os trechos onde Berenguela surge na fonte, desde sua infância até durante o reinado de Fernando III, onde a monarca agia nos conchavos políticos, e participava politicamente das negociações políticas, estando inclusive a aconselhar o jovem monarca em suas decisões de forte poderio para o reino de Castela em 1230. Por tais pontos, buscaremos a seguir mostrar a atuação de Berenguela aos olhos do autor na *Crónica Latina de Los Reyes de Castilla*. Ao escrevermos esse capítulo selecionamos pontos que nos despertam mais atenção para um melhor aproveitamento de nossa análise.

2.2 A ANÁLISE DA CRÔNICA

A primeira aparição da rainha na fonte surge no momento do conchavo político que resultaria na promessa de casamento de Berenguela, que tinha oito anos na época, com Conrado de Hohenstauffen, também muito jovem, duque da Suábia e Rothenburg e filho de Frederico I do Sacro Império Romano-Germânico. Tal promessa de casamento, assim como diversos

acordos e matrimônios que aconteceram ao longo da Idade Média, tinham como objetivo consolidar alianças entre reinos e isso nos é confirmado pela fonte:

Quando ele se casou com sua filha Dona Berenguela, que tinha apenas oito anos de idade, e [Alfonso, pai de Berenguela] fez todo o reino prestar-lhe a homenagem que o próprio Conrado reinaria depois dele, se acontecesse que ele morresse sem filhos, porque naquele então glorioso rei Dom Alfonso não teve filho, mas filhas.” (CHARLO BREA, 1999, p. 37, tradução nossa)¹

Tal trecho nos aponta alguns pontos iniciais. Primeiramente, a busca de realizar o acordo político em busca de passar o reino para Conrado quando fosse mais velho, caso Alfonso VIII não tivesse nenhum filho homem para herdar o reino. Isso nos explicita mais ou menos como exercia o funcionamento da jurisdição castelhana. Em segundo ponto, demonstra como funcionou a negociação política entre os reinos, onde houve a prestação de homenagens para honrar o possível futuro herdeiro, em uma demonstração de negociação. Por fim, esse trecho da fonte também demonstra que Berenguela se tornaria uma figura de grande impacto para o reino castelhano pelo uso do axiônimo “Doña” antes de se referir a rainha. Segundo sua origem, a palavra Dona é um pronome de tratamento concedido a monarcas, príncipes, infantes e nobres. É também uma forma de representar respeito pela pessoa a quem se refere. Nesse caso a Berenguela.

No entanto, a união entre os reinos não chega a acontecer, pois Conrado falece ainda muito novo, cancelando os planos de Alfonso VIII.

Passado um tempo depois, após grandes conflitos entre os reinos de Castela e Aragão contra Leão, urge a necessidade de pôr em prática e consolidar a paz entre os reinos castelhanos e leoneses. Para isso, ocorre, efetivamente, a ideia e a prática do matrimônio entre Berenguela e o rei de Leão. Conforme trata a fonte:

“(…) finalmente, com a assinatura de uma trégua entre o rei marroquino e o rei de Castela, ele retornou a Marrakech, capital do seu reino, e a paz foi feita entre os reis de Leão e Castela. Paz que não poderia acontecer, exceto pelo casamento de Dona Berenguela, filha do rei de Castela, com o rei de Leão, em um casamento de fato, porque, segundo a lei, isso não era possível, pois os reis eram parentes em segundo grau de consanguinidade. (CHARLO BREA, 1999, p. 42, tradução nossa)²

¹ Com él desposó a su hija doña Berenguela, que apenas tenía ocho años, e hizo que se le hiciera por parte de todo el reino el homenaje de que el mismo Conrado reinaría después de él, si aconteciera que muriera sin descendencia masculina, pues en aquel entonces el rey glorioso don Alfonso no tenía hijo, sino hijas.

² (...) Finalmente con la firma de una tregua entre el rey marroquí y el rey de Castilla, aquel se volvió a Marrakech, capital de su reino, y se rehizo la paz entre los reyes de León y Castilla. Paz que no pudo llevarse a cabo sino por el matrimonio de doña Berenguela, hija de lo rey de Castilla, con el rey de León, en un matrimonio de hecho, porque según derecho no era posible, ya que los reyes eran parientes en segundo grado de consanguinidad.

Aqui podemos perceber que o autor nos demonstra que a união entre Berenguela e Alfonso foi estabelecida com plena consciência de que tal matrimônio seria impróprio pela consanguinidade entre ambos. O que acentua e comprova que o casamento entre os dois se deu exclusivamente pela paz entre os reinos e que mais invariavelmente em algum momento ela viria a ser quebrada (o que acontece).

A quebra do matrimônio foi realizada anos depois pelo papa Inocêncio III, em 1204 (Berenguela permaneceu casada durante sete anos, 1197-1204), onde, ainda assim os filhos - dois filhos e duas filhas - do casamento permaneceram como herdeiros de seus pais.

É interessante notar que a relação entre Castela e Leão durante esse período é bastante tênue entre a paz e o caos. Mesmo com o casamento entre Berenguela e o rei de Leão tendo acontecido em prol da paz e aliança entre os reinos, com a separação realizada por Inocêncio III essa paz deixa de estar efetuada. Há até mesmo um trecho na fonte que menciona um asco por parte do rei de Leão com Berenguela.

A causa do desacordo entre o glorioso rei de Castela e o rei de Leão foi que o rei de Leão havia repudiado Dona Berenguela, filha do rei de Castela, de quem o rei de Leão já tinha tido dois filhos e duas filhas. (CHARLO BREA, 1999, p. 44, tradução nossa) ³

Ainda que nossa fonte não explicita exatamente o porquê do repúdio, ela nos deixa claro com a existência dela que a relação entre os dois não era muito agradável. Isso justifica as ações que são tomadas por ele em seu leito de morte para evitar que seu reino viesse a ser unido à Castela, que veremos mais a frente.

No que diz respeito a sucessão do reinado de Castela, havia a possibilidade dos dois filhos de Alfonso VIII virem a assumir o reino. O mais velho irmão de Berenguela, Fernando, que era um grande guerreiro e acompanhava seu pai em batalhas, veio a falecer com uma aguda febre, colocando sua mãe, Leonor, em profundo luto e tristeza. Berenguela é representada na fonte sempre ao lado de sua mãe em todo o momento de luto que vive sua progenitora (CHARLO BREA, 1999, p. 47-48).

Com a morte de Fernando, a possibilidade de assumir o reino caiu diretamente para Enrique, irmão mais novo de Berenguela, que se tornaria o principal nome para o reino de Castela.

E assim se seguiu. Segundo a fonte, Alfonso VIII ao sentir-se fraco e sentir sua morte a

³ La causa de las discordia entre el glorioso rey de Castilla y el rey de León había sido que el rey de León había repudiado a doña Berenguela, hija del rey de Castilla, de la que el rey de León había tenido ya dos hijos y dos hijas.

chegar, prepara a todos do reino para que qualquer pendência venha a ser resolvida, afim de eliminar quaisquer dificuldades para o reino de Castela. Ele vem a falecer em 1214, causando uma enorme comoção no reino. Leonor, sua esposa com quem tinha uma relação muito forte de amor, falece tempos depois, tomada por grande dor, tristeza e luto segundo o cronista (CHARLO BREA, 1999, p. 59-60).

Porém, antes de sua morte ela confia a Berenguela seu reino e seu irmão, o rei Enrique. Com tais fatídicos acontecimentos, Enrique se consolida como o principal nome para a coroa e Berenguela se torna sua tutora, governando juntamente com o arcebispo toledano por cerca de três meses, conforme aponta a fonte (CHARLO BREA, 1999, p.63). Mas alguns magnatas começaram a criar empecilhos para a tutela da rainha, tomados pelo desejo de dominar o reino de Castela. E é aí que várias disputas políticas entrecruzam o caminho de Berenguela.

Aconteceu, então, que a maioria dos barões conscientemente escolheu Álvaro Nuñez para se tornar guardião do rei e dirigir os assuntos do reino. A rainha Dona Berenguela, seja como for, foi forçada a aceitar que o mencionado Álvaro Nuñez possuísse o rei e o reino, de tal maneira que, em assuntos difíceis e importantes, seriam necessários os conselhos e a vontade da rainha, sem ela nada seria feito. Álvaro Nuñez jurou tudo isso e em relação a essas coisas prestou homenagem à rainha, que ele consideravelmente o fez. (CHARLO BREA, 1999, p. 64, tradução nossa) ⁴

É interessante notarmos dois pontos de acordo com esse trecho: primeiramente que, segundo o autor, Berenguela se viu encurralada e obrigada a deixar para Álvaro a regência do reino e de Enrique. Quando paramos para refletir sobre tal momento, nos parece que mais do que simplesmente encurralada, Berenguela toma uma inteligente atitude ao delegar o reino para Álvaro e assim evitar qualquer tipo de desconforto com a aristocracia do reino, que poderia facilmente fazê-la se tornar uma figura má vista em Castela.

Além disso, mencionar que a rainha foi forçada a delegar a tutela de Enrique a Alvaro também é uma forma interessante de retratá-la como uma “vítima” das escolhas tomadas pelos barões nesse momento, ato que posteriormente virá a ter consequências. A maneira que o autor da crônica escolhe as palavras que giram em torno do acontecido nos dão uma noção do que virá a acontecer e quase por quem torcer, em prol de convencer o leitor.

Além disso, percebe-se que mesmo Álvaro tomando a tutela de Enrique, ele em nenhum

⁴ Sucedió, pues, que la mayor parte de los barones eligió conscientemente a Álvaro Nuñez para que se hiciera tutor del rey y llevara los asuntos del reino. La reina Doña Berenguela, sea como sea, fue obligada a aceptar que el citado Álvaro Nuñez tuviera al rey y al reino, de tal manera, sin embargo, que en los asuntos difíciles e importantes se requeriría el consejo y la voluntad de la reina y sin ella nada se haría. Álvaro Nuñez juró todo ello y con respecto a estas cosas prestó homenaje a la reina, que él considere si lo cumplió.

momento deixa de cumprir as homenagens a Berenguela, assim como de tornar Berenguela uma figura cuja voz seja ouvida e importante para as decisões do reino. Ou seja, apesar da rainha aparentemente sair de cena, ela continua sendo presente politicamente para Castela, como se era esperado.

O autor narra que a regência de Álvaro Nuñez não foi muito pacífica, onde ele claramente buscou obter mais poder ao longo do tempo, tentando casar Enrique (ainda que no direito não pudesse) com Dona Mafalda, filha do rei de Portugal e agravando inimizades com outros nomes da aristocracia de Castela, como Lopes Diaz, Rodrigo Diaz e Álvaro Diaz. Tais nomes possuíam grande prestígio para a força política de Castela e sua inimizade com eles nada o favoreceu.

Como prova de tal ação não tão bem orquestrada, ao surgir qualquer tipo de desavença entre a aristocracia todos tomaram o lado de Berenguela. Tal situação contribuiu para que nesse período em Castela houvesse um perigoso período de discórdia, onde Álvaro procura em outros reinos apoio e o consegue (CHARLO BREA, 1999, p.65). É durante esse período conturbado do reino que surge, segundo o autor, a “diabólica” criação de uma carta feita por Berenguela onde encontravam supostas conspirações pela morte de Enrique.

Para o cronista, “fraudulentos satélites de Satanás” (CHARLO BREA, 1999, p. 65) ou não, sabe-se que a conspiração foi um tanto dúbia, onde até hoje não há certeza alguma em relação a existência da carta. Sabe-se que Berenguela obteria poder com a morte de seu irmão, mas também não se sabe se a ela caberia tal ação. Assim como Álvaro também ganharia bastante caso a reputação de Berenguela fosse manchada dessa forma. O que nos resta são as especulações sobre os boatos de ambas as partes.

Mas ao saber da situação e da morte do mensageiro que (em tese) levava a carta, Berenguela saiu do castelo de seu pai e foi abrigada no castelo de Gonzalo Ruiz, que a atendeu prontamente. Simultaneamente, os apoiadores de Álvaro saíram a saquear e quebrar castelos dos que estavam do lado de Berenguela. Com isso, os apoiadores da rainha, consternados com a proporção que tomou a situação, haviam determinado devolver ao rei suas terras em busca de diminuir a proporção que tudo havia tomado. Tragicamente, após o acontecido, enquanto jogava, o menino Enrique é acertado gravemente por uma pedra, o que o levou a sua morte alguns dias depois. Vale ressaltar que há uma certa convergência entre fontes que retratam a época da morte de Enrique. Na *Crónica Latina de Los Reyes de Castilla* explica-se que foi uma pedra jogada, mas em outras fontes (como na *Primera Crónica General*) fala-se que foi uma telha que veio a cair na cabeça do jovem rei.

Assim que Berenguela soube da morte de seu irmão, rapidamente ela enviou seus mensageiros Lopes Diaz e Gonzalo Diaz para buscarem seu filho maior Fernando da autoridade paterna e o levaram imediatamente para a rainha, com o propósito de torná-lo rei de Castela, como assim se mostrou realizado.

Álvaro, sentindo-se acoado por tal ação da rainha, recorre a Alfonso, rei de Leão. Prometendo-lhe muitas coisas (a fonte não especifica quais seriam elas). Consegue o apoio do rei de Leão que disponibiliza seu exército para adentrar em Castela. Contudo, Berenguela simultaneamente consegue mobilizar o território para a substituição do rei, privando assim Castela, segundo a fonte, da soberba do rei de Leão. (CHARLO BREA, 1999, p. 68)

Um interessante ponto nos surge nesse momento da fonte. Ao chegar em Valladolid, Berenguela e seu filho são recebidos por uma multidão de pessoas que esperavam sua chegada. O autor retrata que uma pessoa, em nome de todos que consentiam o mesmo, reconheceu que o reino de Castela: “[...] foi devido por **direito** à rainha doña Berenguela e que **todos a reconheciam como senhora e rainha** do reino de Castela.” (CHARLO BREA, 1999, p.68, tradução e grifo nosso).⁵ Esse trecho explicita a certeza da autoridade e legitimidade que Berenguela continha para o reino de Castela. Tal excerto se lido por si só pode até nos despertar uma dúvida: mas por que Berenguela não tomou o reino para si? Por que não foi ela que se tornou rainha de Castela?

A resposta para essas perguntas segue na continuidade do parágrafo:

No entanto, todos, por unanimidade, imploraram que ele cedesse o reino, que era por direito de propriedade, a seu filho mais velho, Don Fernando, porque **sendo ela mulher não podia suportar o peso do governo do reino.**” (CHARLO BREA, 1999, p.68, tradução e grifo nosso)⁶

Berenguela, mesmo com toda a autoridade e poder que possuía em nenhum momento deixa de ser enxergada como uma mulher com poder. E por isso mesmo ela não é vista como uma possível figura para o trono. A condição de ser uma mulher a impossibilitava de distintas funções, porque segundo a mentalidade da época, ser mulher significava ser impossibilitada de suportar o peso do governo. O peso do poder. Tal situação é bastante simbólica.

Consciente de suas limitações, mas ainda preparada para o poder político, então Berenguela faz o que precisa ser feito para Castela, ou como prossegue na fonte:

Ela, vendo que desejavam ardentemente, ela concordou agradavelmente e

⁵ “[...]se debía por **derecho** a la reina doña Berenguela y que los **todos la reconocían señora y reina** del reino de Castilla

⁶ “[...]Sin embargo, todos por unanimidad suplicaron que cediera el reino, que era por derecho de propiedad, a su hijo mayor don Fernando, porque **siendo ella mujer no podría soportar el peso del gobierno del reino.**

concedeu o reino ao filho acima mencionado. Todos eles exclamaram em voz alta. Viva o Rei!” (CHARLO BREA, 1999, p. 68, tradução nossa)⁷

E os apoiadores do reino de Leão, ao verem tamanha aceitação do povo, voltaram para seus postos, em clara rendição.

E assim Berenguela manejou a transferência do reino para as mãos de Fernando, seu filho.

Após isso, foram tomados os devidos procedimentos e cuidados com o corpo de Enrique, que foi entregue a Berenguela, para que ele fosse sepultado juntamente com seus pais.

A partir do início do reinado de Fernando, é valioso esclarecer que todas as ações de Fernando, que possuía 16 anos, passam a carregar o nome de Berenguela. As escolhas que Fernando realiza são auxiliadas pela rainha, mesmo que isso não seja visível explicitamente. E até mesmo o inverso. Como por exemplo, após conseguirem derrotar as façanhas do conde Álvaro e de certo modo, vingar-se dele conseguindo-o como prisioneiro e o trocando por várias fortalezas que ele e sua família obtinham, o nome da rainha e do rei são creditados em todo o momento, como partes ativas da mesma ação.

Ademais, o cronista se preocupa em mostrar ações que partem da Berenguela em prol de Fernando III. Como na escolha da esposa de Fernando, Beatriz, onde ela fez questão de a escolher e a buscar para que seja realizado o casamento entre os dois.

Em relação aos matrimônios, é interessante notar a participação de Berenguela para tais acontecimentos. Não só ela consegue efetivar o casamento entre Fernando e Beatriz, filha do rei da Alemanha, selando assim uma aliança para o reino de Castela. Ela também no mesmo período consegue evitar o casamento do rei de Jerusalém, Juan, com uma filha que o rei de Leão havia tido com sua segunda esposa, dona Teresa. Em uma passagem por Toledo, Juan é alcançado e bem recebido por Berenguela e Fernando, que conseguem realizar a aliança e o posterior casamento entre Juan e uma filha da rainha também chamada Berenguela (CHARLO BREA, 1999, p.73).

Essa atuação da rainha nos chama atenção porque explicita a astúcia de Berenguela em relação a manter Fernando como o único homem que poderia assumir o reino de Leão, o que vem transparecer a forma que a rainha vem orquestrar o acordo que garante a união entre Castela e Leão.

No que diz respeito às ações tomadas pelo rei de Castela, há uma passagem que nos

⁷ [...]Ella, viendo que ardientemente había deseado, accedió gratamente a lo pedido, y concedió el reino al hijo antes dicho. Todos exclamaron a viva voz. ¡Viva el rey!

esclarece bastante a ação de Berenguela como conselheira do rei. Em um momento de fervor, em frente a quase todos os magnatas do reino, Fernando diante de todos pede a permissão de Berenguela para declarar guerra aos sarracenos:

Querida mãe e doce senhora: De que serve o reino de Castela para mim que sua bondade, devido a ela por direito, abdicou se e me foi concedido [...] Oro, mãe misericordiosa, porque, depois de Deus, tenho tudo o que possuo, para que os agrade que declare guerra aos mouros. “(CHARLO BREA, 1999, p.74, tradução nossa)⁸

E, em um momento de animosidade dentre olhares e bocas entreabertas e choro excessivo, Berenguela o responde, com poucas palavras (que segundo o cronista era o de costume). Então, assim segue Berenguela, ponderada:

Querido filho, minha glória e minha alegria você é; Sempre desejei de coração e, quando pude, busquei sua felicidade e bem-estar. Seus vassalos estão presentes, o tribunal está montado. Que eles nos aconselhem como é seu dever e sigam seus conselhos nisto.” (CHARLO BREA, 1999, p.75, tradução nossa).⁹

Após um breve momento de deliberação após a resposta positiva de Berenguela, todos concordam com a declaração de guerra aos sarracenos. Tal acontecimento nos esclarece que em uma das primeiras ações de Fernando que são tomadas por ele, há um certo “pedido” a Berenguela por sua permissão, o que nos mostra que:

- a) Berenguela é uma importante conselheira para as ações do governo;
- b) Fernando aos poucos vai se desprendendo de ações que são tomadas pela rainha, porém ainda dialoga com ela em prol de sua concordância.

A partir desse momento, vemos esse padrão das ações tomadas por Fernando, onde ele busca agir de forma proveitosa para o reino, seguindo instruções dadas pela rainha até mesmo em batalha (CHARLO BREA, 1999, p.81).

Em 24 de setembro de 1230, o rei de Leão vem a falecer. Com esse acontecimento, uma série de situações se desenrolam e Berenguela é de vital atuação para o futuro político de Castela.

Com a morte de Alfonso, suas filhas e a rainha dona Teresa partem em direção a Leão, Berenguela e o rei Fernando também vão em direção do reino, onde todos vieram a se encontrar

⁸ Queridísima madre y dulcísima señora: ¿De qué me aprovecha el reino de Castilla que vuestra benignidad, como debido a ella por derecho, abdicó de sí y a mí se me concedió[...] Ruego, clementísima madre, de la, después de Dios, tengo todo lo que poseo, que os agrade que declare la guerra a los moros.

⁹ Hijo querido, mi gloria y mi gozo vos sois; siempre de corazón deseé y, cuando pude, procuré vuestra felicidad y bienandanza. Están presentes vuestros vassalos, la corte está reunida. Que ellos nos aconsejen como essu deber y seguid en esto su consejo.⁹

em Valencia.

É em Valencia que ambas as rainhas realizam um acordo entre Fernando e suas irmãs. As condições para o acordo seriam que o rei assinasse que daria a suas irmãs anualmente a quantia de 30.000 maravedis até o momento de suas mortes. No que diz respeito ao lado delas do acordo, haveria a renúncia ao reino e a destruição da carta que o falecido Alfonso havia deixado sobre a doação de Leão para elas, bem como passariam alguns castelos para seu irmão. Graças a esses pontos do acordo realizado entre Teresa e Berenguela, Fernando viria a se tornar rei de Leão e Castela (CHARLO BREA, 1999, p.91-92).

Esse acordo que é vital para a que vem a ser a definitiva união entre os reinos foi orquestrado pelas rainhas Teresa e Berenguela, que selaram a concórdia entre os reinos e foram as responsáveis pela paz entre Castela e Leão, que viviam iminentes a uma nova guerra.

A fonte segue com a narrativa sobre o reinado de Fernando, enfrentando algumas batalhas e indisposições com seus adversários. É, sobretudo, uma fonte voltada para o reino de Castela e em sua forma, contemplativa para a atuação de Fernando. Mesmo assim, ainda que de certa forma breve, nos foi bastante possível enxergar que a atuação de Berenguela para o reino de Castela é astuta, inteligente e ativa. É dela que surgem diversas soluções para grandes casos do governo de Castela durante a atuação de Fernando, e também é dela que parte as ações necessárias para primeiramente Fernando tomar o reino de Castela e depois para a união com Leão.

Perceber isso nos foi importante, pois sua versão na historiografia, às vezes, não parecia adquirir a mesma entoação no que se trata da rainha, como nos foi apresentado no capítulo anterior. Um ponto que ao compararmos com a vivência retratada na fonte de Berenguela é a maneira da qual ela agia e buscava se portar, muito dialoga com o já trabalhado ideal de rainha-mãe e também como o que buscamos entitular de feminilidade régia. Tal expressão, apresentaremos na conclusão desta monografia.

CONCLUSÕES E UM QUESTIONAMENTO: PODEMOS PENSAR EM UMA FEMINILIDADE RÉGIA?

Feminilidade (fe·mi·ni·li·da·de) - sf

1. Condição ou características que se consideram próprias da mulher; feminidade.
2. O sexo feminino considerado em sua totalidade.

(MICHAELIS Online)

O vocábulo feminilidade é carregado de uma semântica ambígua. Como já descrito brevemente em nosso primeiro capítulo a respeito de construções de gênero, a feminilidade seria mais uma consequência das expectativas e atribuições ao gênero. Com a feminilidade, assim como na masculinidade, são ansiadas características específicas para as mulheres cis ou trans, e, para nosso caso de análise para a rainha Berenguela que vivia em Castela entre 1180-1246, são características carregadas de fragilidade, simplicidade, devoção e, de certa forma, o silêncio.

Para pensarmos um pouco sobre a feminilidade e em específico a feminilidade régia, tivemos como alicerce algumas reflexões já levantadas a respeito das masculinidades esperadas em Castela no século XIII, com o pesquisado pelo historiador Bruno Gonçalves Alvaro (2008). Durante a pesquisa, Alvaro levanta que:

Em resumo, as masculinidades são culturalmente específicas, pois, como veremos, estão inseridas no cotidiano militar/religioso do reino castelhano e, por sua vez, funcionais, pois são elementos constitutivos das relações de poder que leigos e religiosos estabeleciam entre si e com outros, como no caso da Península Ibérica, com muçulmanos e judeus.(ALVARO, 2008, p. 22)

Levando essa perspectiva de compreensão de masculinidade como algo construído culturalmente e, além disso, maleável para cada cotidiano militar/religioso, ao pensarmos feminilidade régia na sociedade castelhana é vital pensarmos o papel que a mulher exercia naquele espaço.

A mulher dentro do seio régio tinha um papel direto na linhagem, onde era ela responsável pela continuação do reino seja pelos matrimônios e alianças que participa, e pelo fato de dar à luz ao futuro rei. Porém, para além disso, no seio castelhano, as mulheres obtinham ensino, conhecimentos políticos que as ajudavam a compreender os seguimentos políticos, vide o que segue Berenguela e sua mãe Leonor da Inglaterra (SHADIS, 2006).

É importante salientar, mesmo que já evidenciado até então no texto o quanto as mulheres em Castela tinham voz e presença política, ainda que não de forma igualitária e que tal participação já é bastante significativa pois, por exemplo, na França as mulheres e seus descendentes foram excluídos da sucessão do reinado, chegando a ser oficializado por Carlos V na segunda metade do século XIV (LE GOFF, 2017, p.446).

Porém, mesmo possuindo alguma presença política, pudemos ver diversos vestígios das “sequelas” de sua participação, como quando o cronista se refere ao fato da rainha se pronunciar de forma breve, como era de costume aos seus pronunciamentos.

É interessante perceber o simples ato de ser mencionado desse “hábito” da rainha. Isso nos remete ao que Maria Rita Kehl, psicanalista brasileira, afirma: “sem acesso ao poder político, as mulheres não teriam meios de garantir os outros direitos fundamentais para se tornar sujeitos de suas próprias histórias.” (KEHL, 2008, p.66) e completa Angela Maria Menezes de Almeida pensando feminilidade:

Num segundo plano, subjetivo, houve a renúncia de se apropriarem de uma das formas universais do falo: a fala. Ao emudecerem, deixaram de participar do que Freud veio a chamar de “as grandes tarefas da cultura, permanecendo, assim, socialmente invisíveis. (ALMEIDA, 2012, p. 31)

Ao levarmos em consideração isso, entendemos que mesmo sendo sim socialmente visível, ela o é com algumas marcas dos cuidados que eram precisos serem tomados na sociedade que existia. Assim como quando no episódio já discutido em Valadoid em que uma pessoa da multidão dentre várias a suplicam para passar o reino para Fernando, pois por ser mulher não era possível suportar o peso do reinado.

Ainda assim, Berenguela segue sendo o braço direito (e as vezes o esquerdo também) do rei. Aconselhando-o, dando dicas e assentindo suas ações para o futuro de Castela. Dessa forma, em sua construção de feminilidade régia, Berenguela, de certa forma, contribui também na construção da masculinidade régia de Fernando III, construindo um polo dessa ligação entre a rainha e seu filho. É no silêncio de Berenguela que deve haver a voz de Fernando.

Levando em considerações tais situações, é possível concluir que Berenguela seguia o que se era esperado para uma mulher de sua época em posição política: uma feminilidade régia. Algo que mais se aproxima da participação que pode ser brilhante, porém de alguma forma deve ser contida, breve e especialmente certa.

E que assim, mesmo que ela tenha como único propósito a inocente e altruísta vontade de “ajudar o rei”, ainda assim isso precisa ser sóbrio. Daí, sua participação como

mulher deve ser de acordo com as normativas da época esperadas para uma mulher de seu posto e descendência. Seguindo os papéis estipulados para as mulheres em qualquer espaço em Castela: como um extra, uma simples ferramenta.

Assim encerramos nossa análise sobre Berenguela. Uma rainha que, carregando diversas expectativas e realidades, como a de rainha-mãe, hábil em acordos políticos, foi uma mulher que soube participar e ser ouvida em um quadro político extremamente masculinizado. Tendo que por consequência disso atuar por dentro dos padrões, mas ainda jogando com eles. Conseguindo então realizar diversas mudanças para o reino de Castela, mesmo que ainda não fosse seu nome carregado nos lábios dos súditos do reino.

Por isso, buscamos explorar alguns trechos da fonte *Crónica Latina de Los Reyes de Castilla*, que nos possibilitaram encontrar pontos dotados de particularidade que demonstravam os pormenores do discurso político em torno das atuações de Berenguela e Fernando, bem como a forma em que tais eventos foram transmitidos para a historiografia. Essa historiografia que, por sua vez, passou por notável transformação ao longo de sua trajetória, influenciada pelos estudos das Histórias das Mulheres e Estudos Feministas e posteriormente aos Estudos de Gênero.

Pudemos encontrar padrões a respeito da representação da rainha em ambos os espaços que muito nos disseram a respeito da continuação e direção da história. Mas aqui não buscamos nos eximir de nossas escolhas como historiadores, pois compreendemos que ao optarmos tal temática e forma de abordagem estamos também inseridos em nossa busca de esclarecer e corroborar com nossas próprias escolhas políticas e visões de mundo. Ademais, temos a compreensão que nosso trabalho possui diversas lacunas, que sempre serão possíveis de serem preenchidas por outras pessoas que virão e que já estão nessa trajetória da construção historiográfica acerca da rainha Berenguela. Talvez nunca obteremos respostas definitivas, mas sabemos que são por essas questões que somos movimentados. Por fim, como diria Georges Duby: a história continua.

REFERÊNCIAS

Fonte medieval impressa

CRÓNICA DE LOS REYES DE CASTILLA. Edición de Luis Charlo Brea. Madrid: Akal, 1999.

Bibliografia

ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. Feminilidade – Caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n. 38., p. 29-44, 2012.

ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ; IFCS; PPGHC, 2008.

BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Revista Diálogos**, Maringá, v. 9. n.1, p. 125-141, 2005.

BIANCHINI, Janna. **The Queen's Hand: Power and Authority in the Reign of Berenguela of Castile**. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2012.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: Entre Representações e Práticas**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTAS RODRIGUEZ, Jenaro. **Fernando III através de las crónicas medievales**. Salamanca: Centro de la Uned de Zamora, 2001.

DOUBLEDAY, Simon R. **The Lara Family: Crown and Nobility in Medieval Spain**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2001.

DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Ed. UFRJ, 1993.

_____, Georges. **Idade Média ou Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____, Georges. **As Damas do Século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. Crônica de um gênero histórico. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Paraná, maio 2012, n. 2. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(145\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(145).pdf)> Acesso em 24/06/2020

JESUS, Cassiano Celestino de. **(Des)Problematizando a Idade Média: Reflexões sobre a perspectiva do gênero na medievística brasileira (2000-2015)**. Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – Sergipe, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9238>. Acesso em: 06/10/2019

LEGOFF, Jacques. Rei. In: LE GOFF, J. SCHMITT J. **Dicionários Analítico do Ocidente Medieval – Volume 2**. São Paulo: UNESP, p. 441-464, 2017.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

MACEDO, José Rivair de.; MONGELLI, Lênia Márcia (orgs). **A Idade Média no Cinema**. São Paulo, Ateliê, 2009.

MORENO SECO, Mónica (ed.). **Manifestos feministas – Antologia de textos del movimiento feminista español (1965-1985)**. Alicante: Universidade de Alicante, 2005.

MOTA, Bruna Oliveira. **E por esta razão conuiu que fuessen los reyes, e lo tomassen los omes por señores: uma análise da legitimidade, autoridade e poder no reinado de Alfonso X através das suas redes de negociações senhoriais (1252-1284)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8376>. Acesso em: 08/06/2019.

RAMOS CERVERÓ, Rafael. **Berenguela Magna: Reina de Castilla y León (1180-1246)**. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidad de Valladolid. Facultad de Filosofía y Letras, 2016. Disponível em: <http://uvadoc.uva.es/handle/10324/22564> Acesso em 24/06/2020.

ROSÁRIO, Thaís do. **O papel de Berenguela de Castela (1180-1246) na unificação dos reinos de Castela e Leão (1230) segundo a Historia de Los Hechos de España**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2019. Disponível em: <http://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=57380&idprograma=40001016009P0&anobase=2019&idtc=139> Acesso em 24/06/2020.

_____. Berenguela de Castela (1180-1246) e sua mobilidade dentro da Alta Nobreza na Historia de Los Hechos de España. In: COUTO, Johnny Taliaseli do.; NASCIMENTO, Renata Cristina de S.; SOUZA, Armênia Maria de. **Anais do III Seminário Internacional Mundos Ibéricos: História, Poder e Cultura**. Goiânia – UEG/UFG/PUC-Goiás, 2018, p. 244-260.

RUI, Adailson José. Berenguela: de instrumento de aliança e paz a rainha e articuladora política dos interesses do reino de Castela. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Paraná, jun. 2016, n. 10. Disponível em: <http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/196>. Acesso em: 28/11/2018.

SALVADOR MARTINEZ. Matrimonio de Alfonso IX de León com Berenguela de Castela: uma história de intrepidez feminina. **Argutorio**. Astorga, n. 29, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: _____. **Gender and Politics of History**. New York: Columbia University Press, p. 28-50. 1999.

_____, Joan Wallach. Os usos de abusos do Gênero. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, 2012. [trad. Ana Carolina E. C. Soares].

SILVA, Danielle de Oliveira dos Santos. A Rainha Mãe: A Maternidade como fonte de Poder na Idade Média (séculos XIII a XV). In: **Anais do XVII Encontro de História ANPUH-Rio**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016.

SHADIS, Miriam. Berenguela of Castile's Political Motherhood: the Management of Sexuality, Marriage and Succession. In: WHEELER, Bonnie; PARSONS, John Carmi. **Medieval Mothering**. New York: Garland, 1996, p. 335-358.

_____, Miriam. Women, Gender, and Rulership in Romance Europe: The Iberian Case. In: **History Compass**. University of Pennsylvania, n.4, 2006.

_____, Miriam. **Berenguela of Castile (1181-246) and Political Woman in the High Middle Ages**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

SOLANO, Francisco P. **Fernando III, el santo**. Madrid: Publicaciones Españolas, 1959.